

Ciências da Comunicação: Saga Brasileira (1963-2013)

José Marques de Melo

Professor Emérito da ECA-USP

Diretor/Titular da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação

Os estudos sobre os processos de comunicação remontam ao século XIX. Mas a noção de “campo”, naquela acepção corrente na sociologia cognitiva, só apareceria em meados do século XX.

Como campo ao mesmo tempo empresarial, profissional e universitário, a comunicação emerge na sociedade brasileira na década de 1960, mas só ganha legitimidade no período seguinte. Vários fatores convergem para essa nova forma de organização do trabalho e do conhecimento.

O processo conquista reconhecimento nacional, consolidando-se a partir de evidências remotas e recentes, como está esboçado a seguir.

Evidências remotas

1. Fundação, na cidade do Recife, do ICINFORM – Instituto de Ciências da Informação (1963), por iniciativa de Luiz Beltrão, logo após retornar de Quito (Equador), onde atuou como catedrático de Pedagogia do Jornalismo, a convite da UNESCO; instalação do Departamento de Investigação Científica do ICINFORM, para sistematizar o conjunto de pesquisas empíricas efetuadas no Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (1961-1963); promoção do I Curso Nacional de Ciências da Informação (1964); lançamento da revista *Comunicações & Problemas*, primeiro periódico científico do campo comunicacional publicado no país;

2. Criação, na cidade de Brasília, da FACUNB – Faculdade de Comunicação de Massa da Universidade de Brasília (1964), cujo projeto foi elaborado pelo jornalista Pompeu de Souza, que se demite da instituição no ano seguinte, juntamente com a equipe de docentes fundadores; a direção da FACUNB é confiada a Luiz Beltrão que ali permanece no triênio 1965- 1967, mantendo o projeto original, aperfeiçoado com as experiências testadas em Pernambuco; em 1967, Beltrão defende sua tese de doutorado sobre Folkcomunicação, tornando-se o primeiro docente brasileiro a conquistar o título no âmbito das ciências da comunicação;

3. Fundação, na cidade de São Paulo, da ECA-USP – Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo (1966), a primeira universidade pública do país a contratar uma equipe docente para trabalhar em regime de dedicação exclusiva ao ensino e à pesquisa, induzindo o grupo de professores fundadores a matricular-se no Programa de Doutorado, desenvolvendo projetos de pesquisa nos departamentos criados (1967), com prazo de cinco anos para concluir as teses respectivas, cujas defesas foram realizadas no início do ano subsequente (1973);

4. Fundação do Centro de Pesquisas da Comunicação Social (1967) na Facasper, então vinculada à PUC de São Paulo. Nesse departamento foram realizadas as pesquisas pioneiras sobre quadrinhos, telenovelas, imprensa de imigrantes, jornalismo comparado, erotismo na propaganda, comunicação eclesial, pedagogia do jornalismo, estudos que suscitaram impacto nas instituições congêneres de todo o país.

5. Fundação da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social (São Paulo, 1969), contando com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB –, que financiou a realização de uma consulta nacional na cidade do Recife (1970) para definir temas e metodologias de pesquisa destinadas a subsidiar as políticas eclesiais de comunicação emanadas do Concílio Vaticano II (Decreto Inter Mirífica, 1963);

6. Realização do I Congresso Nacional de Comunicação, promovido pela ABI – Associação Brasileira de Imprensa (Rio de Janeiro, 1971), com apoio governamental e empresarial, reunindo empresários, profissionais, gestores públicos e professores universitários; trata-se de evento dotado de grande transcendência porque reúne todos os segmentos do campo da comunicação e demanda do Estado o estabelecimento de públicas em nossa área;

7. Realização do I Congresso Brasileiro de Ensino e Pesquisa da Comunicação (Belo Horizonte, 1973), em grande parte decorrente dos debates feitos durante o congresso da ABI, buscando definir estratégias para o mundo acadêmico; bem como da IV Semana de Estudos de Jornalismo, realizada em 1972 no campus da Universidade de São Paulo, quando foi decidida a criação da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação – ABEPEC – responsável pela organização dos congressos unitários de Belo Horizonte (1973) e Fortaleza (1974), mas que entrou em crise no congresso de São Luis (1975), perdendo a legitimidade inicial, o que determinou sua posterior dissolução;

8. Fundação da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (São Paulo, 1977), catalisando todas as experiências acumuladas nesse período fundacional e instituindo uma autêntica comunidade científica num campo emergente, através de parcerias com o estado (Capes, CNPq, Fapesp) e a sociedade civil (SBPC), buscando inserir o país na comunidade científica mundial (ALAIIC, IAMCR, ICA), etc.;

Evidências recentes

a) Fundação de sociedades científicas em diferentes disciplinas que compõem o universo das ciências da comunicação: Pós-graduação (COMPÓS,

1991); Cinema e Audiovisual (SOCINE, 1996; FORCINE, 2000), História da Mídia (ALCAR, 2001), Semiótica (ABES, 2001), Jornalismo (FNPJ, 1995; SBPJOR, 2003), Economia Política da Comunicação (ULEPIC, 2004), Folkcomunicação (FOLKCOM, 2004), Relações Públicas (ABPCORP, 2006), Cibercultura (ABCiber, 2006);

b) Fundação da SOCICOM – Federação Brasileira das Associações Acadêmicas e Sociedades Científicas de Comunicação (Natal, 2007);

c) Realização da I CONFECOM – Conferência Nacional de Comunicação, convocada pela Presidência da República (Brasília, 2009);

Como resultado das políticas públicas instituídas pelo governo atual (2011-2014), o Ministério de Assuntos Estratégicos da Presidência da República estabelece parceria com a SOCICOM para edição do anuário *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil*, através do IPEA, mantendo a periodicidade regular nos anos de 2011, 2012, 2013.

Assim sendo, o momento é oportuno para se fazer um balanço do caminho percorrido, historicizando seus acontecimentos paradigmáticos, resgatando o protagonismo de pessoas ou instituições, de modo a favorecer sua consolidação e sedimentação em todo o país.

Foi justamente perseguindo esse objetivo que a SOCICOM – Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação estimulou ou induziu uma série de ações para celebrar os 50 anos das Ciências da Comunicação:

1) Publicação de um volume da série *Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil*, ano 2012/2013, editado em parceria do IPEA com ALCAR – Associação Brasileira de História da Mídia, dedicado à memória do campo comunicacional brasileiro;

2) Apoio à edição da série “Fortuna Crítica da INTERCOM, inventariando a produção acadêmica da sua vanguarda intelectual;

3) Estímulo à FOLKCOM para a publicação da antologia *Metamorfose da Folkcomunicação*, disponibilizando às novas gerações textos emblemáticos da História dessa interdisciplina;

4) Colaboração com a Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação para o lançamento da coleção PENSA-COM BRASIL constituída por *Dicionários*

Histórico Bio-Bibliográficos de Pensadores Comunicacionais Brasileiros, cujos volumes iniciais abrangem o PENSA-COM Alagoas, PENSA-COM Piauí, PENSA-COM Goiás, PENSA-COM Minas Gerais;

5) Parceria da INTERCOM e da FAPESP para a realização do Ciclo de Palestras “50 anos de ciências da comunicação no Brasil: a contribuição de São Paulo”;

Essa efeméride ganhou dimensão internacional com a inauguração da Mostra Digital sobre o Cinquentenário do Campo Comunicacional no Brasil, no dia 29 de maio de 2013, no Museu Nacional da Imprensa (Porto, Portugal, 2013), na abertura do II Fórum da CONFIBERCOM (Confederação Ibero-americana de Associações Científicas de Comunicação).

A ideia era a de respaldar a realização de um colóquio internacional em Manaus (Amazonas), durante o XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, do qual participarão os presidentes da IAMCR, ICA, ECREA, AJMC, CONFIBERCOM, ALAIC e os representantes das 15 associações nacionais que integram a SOCICOM, com a finalidade de debater e implementar uma estratégia de ação multicultural, visando um maior equilíbrio mundial no âmbito das ciências da comunicação.

Divisor de águas

Sinalizando a convergência de acontecimentos decisivos para sedimentar o estudo dos processos comunicacionais na sociedade brasileira, o ano de 1963 constitui marco decisivo entre duas fases.

A *práxis* vigente nas indústrias midiáticas e nos serviços públicos de comunicação converte-se em objeto de análise *acadêmica*, configurando, portanto, um “campo científico”.

O marco histórico consensual é a fundação do Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) na Universidade Católica de Pernambuco, em 13 de dezembro de 1963, primeiro espaço acadêmico brasileiro dedicado especificamente à pesquisa *científica* da comunicação.

Na verdade os fenômenos da comunicação já vinham sendo estudados no Brasil, desde muito antes, mas essas incursões, além de efêmeras ou utilitárias, não tinham motivação cumulativa e raramente eram publicizadas ou criticizadas.

Tais limitações vão sendo neutralizadas a partir do momento em que a universidade deixa de ser mero espaço para a formação de recursos humanos e decide produzir conhecimento.

No campo da comunicação, a iniciativa pioneira coube evidentemente ao ICINFORM, repercutindo em todo o país e sendo continuada, aperfeiçoada, dinamizada em outras universidades.

Por que esse processo emerge no espaço brasileiro, naquele momento, tendo a região nordestina como *cenário* referencial e a cidade do Recife como *locus* cognitivo?

Fatores conjunturais

No fim da Segunda Guerra Mundial, a derrota do nazi-fascismo, longe de significar o ingresso da humanidade numa era de paz e convivência fraterna, entre povos e nações, na verdade se desdobra em outro tipo de conflito.

As armas da destruição material que vitimaram pessoas, comunidades e países foram substituídas por artefatos simbólicos, letais para consciências, culturas e ideias.

As duas superpotências responsáveis pela vitória contra o obscurantismo do eixo nipo-italo-germânico cultivam espaços diferenciados no plano socioeconômico, polarizando os sistemas vigentes: comunista e capitalista. Para ganhar terreno junto às sociedades periféricas, nutrem uma competição de natureza ideológica, valendo-se da *informação* e da *comunicação* como armas de conquista. Esse período histórico ficou conhecido como *guerra fria*, estendendo-se de 1945 a 1989.

Seus limites fronteiriços encontram-se na criação da ONU – Organização das Nações Unidas –, quando os países constituídos se agrupam numa instituição legitimada mundialmente – e na queda do Muro de Berlim – quando cai por terra a disputa bipolar. A *perestroika* de Gorbachev dá passagem a uma era que se pretende multipolar, mas na realidade assume feição unipolar, sob a hegemonia da superpotência capitalista. (ARBEX JR., 1997)

Essa primazia parecia tranquila, até que em 11/09/2001 a destruição das Torres Gêmeas sinaliza a transição para uma fase híbrida, em que guerra fria e guerra quente se entrelaçam, contudo sem adquirir dimensão totalizante. A ameaça de guerra nuclear mostra-se contida, depois das invasões do Afeganistão e do Iraque,

embora fatores aleatórios – Irã, Tibete, Coréia do Norte – sejam veiculados pelas redes de difusão que cobrem todo o planeta, podendo gerar pânico.

Nesse panorama não se pode minimizar o papel desempenhado no mundo ocidental pela Igreja Católica, buscando uma terceira via.

Sua projeção tem sido marcante no Brasil, onde persistem “condições de injustiça” não equacionadas pelo “reformismo”, cuja meta é alterar gradualmente as “relações de vida” das periferias.

Não é sem razão que o Papa Francisco volta a erguer a bandeira dos pobres neste desabrochar do século XXI, conquistando simpatia e credibilidade.

Na avaliação do jornal *O Globo* (27/06/2013, p. 1) “o Papa Francisco viu uma unanimidade por sua empatia e comunicação com o público [...] e lembrou do hábito dos brasileiros de colocar mais água no feijão para partilhar comida...”.

Contexto nacional

No início dos anos 60, o Brasil tinha o *status* de nação emergente, integrando o bloco internacional dos países não alinhados. Era, portanto, assediado pelos governos de Washington e de Moscou para engrossar as fileiras do capitalismo ou do comunismo.

Em 1963, o vice-presidente João Goulart recuperava o poder de gestão republicana, depois de manietado pelos generais que ocuparam o poder logo após a renúncia do presidente Janio Quadros. Só foi empossado, mesmo assim com desconfiança, depois de sua viagem à China, quando instituído o regime parlamentarista. Na sequência, Goulart promove o plebiscito que iria restaurar o presidencialismo.

Vacilando entre forças políticas antagônicas, opta inicialmente pelo Plano Trienal elaborado por Celso Furtado e aceito pelo Fundo Monetário Internacional, mas decide endossar a tese das reformas de base, patrocinada pelas centrais sindicais. Isso atemoriza as classes médias, justificando a intervenção das forças armadas, que desencadeiam o golpe constitucional, empurrando-o para o exílio, juntamente com figuras eminentes da sociedade civil brasileira, entre elas o governador de Pernambuco, Miguel Arraes.

Eleito pelo povo que aspirava melhores condições de vida, Arraes toma posse no início de 1963, justamente quando a Universidade Católica de Pernambuco

diplomava sua primeira turma de jornalistas formados numa mentalidade que privilegiava a pesquisa como atividade essencial.

Luiz Beltrão, coordenador do novo curso, foi duplamente influenciado a criar o primeiro núcleo brasileiro dedicado ao estudo científico da comunicação. De um lado, pelas ideias circulantes no entorno político e de outro pelo pensamento eclesial. Capitalizando toda a sua experiência internacional, como líder trabalhista da categoria dos jornalistas, formulou uma estratégia que atingiu o ápice em 1963, esbarrando em 1964 nas circunstâncias decorrentes do golpe militar, mas retemperado pela conduta assumida pela Igreja Católica, designando D. Helder Câmara para ocupar a diocese do Recife.

Singularidade regional

Antenado nos acontecimentos em progressão naquela cidade no primeiro ano de gestão do governador Miguel Arraes, Beltrão sensibiliza seus alunos para desenvolver vários projetos de pesquisa. Inicialmente, estuda a greve dos gráficos que privou Pernambuco de jornais diários durante 20 dias.

A seguir, investigou a morfologia, o conteúdo e a dinâmica do noticiário policial nos jornais de Recife, dando início a um programa de estímulo à iniciação científica.

Diagnosticou ainda o comportamento da imprensa local diante de um episódio inusitado: o *lock out* promovido pelas lideranças empresariais da cidade e do campo para resistir às medidas legais que o governo Arraes tomava para garantir o cumprimento da nova legislação trabalhista. Tal estatuto retirava o campesinato do regime semiescravista em que se encontrava secularmente na região onde se produzia açúcar para abastecer o mercado internacional.

No ano seguinte, quando o governador Miguel Arraes já havia sido apeado do poder, ele promove uma pesquisa de opinião para saber o que a população do Recife esperava do novo arcebispo católico.

Todo esse cabedal de conhecimento significou o avanço na formação dos novos jornalistas, culminando no fim de 1963 com a fundação do ICINFORM. É necessário registrar que Luiz Beltrão vinha se articulando com a instituição que difundiu na América Latina a mentalidade da pesquisa científica no campo comunicacional. Ele próprio atuou como professor visitante no Centro Internacional do Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina –

CIESPAL –, divulgando suas experiências vanguardistas no Brasil e assimilando outras ideias pedagógicas que vinham sendo nutridas pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Cenário internacional

Concomitantemente, tomariam corpo, em todo o país, ofensivas desencadeadas pelas potências hegemônicas do mundo capitalista no sentido de valorizar a comunicação e a informação. O pano de fundo desse movimento é a adesão de Cuba ao bloco comunista, depois do triunfo dos “barbudos” comandados por Fidel Castro e a perspectiva da transição pacífica do Chile ao socialismo, sob a liderança de Salvador Allende.

Tanto a diplomacia norte-americana quanto a missão francesa promovem a tradução para a língua portuguesa de obras seminais nesse campo. Em julho de 1963, a Aliança para o Progresso publica o emblemático livro de David Berlo – *O processo da comunicação*, que “faz a cabeça” da vanguarda atuante na área.

Sintonizado com a nova “onda” intelectual, Gilberto Freyre lança pela Imprensa Universitária de Pernambuco o seu clássico livro *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, deslançando uma linha metodológica que o próprio sociólogo de Apipucos denominaria “anunciologia”.

No mesmo diapasão, o jornalista Mauro de Almeida emplacaria seu instigante ensaio *Filosofia dos para-choques*, antecipando uma corrente investigativa que depois assumiria a fisionomia de *folkcomunicação*.

Tampouco se pode esquecer que nessa mesma ocasião vem a público a fundamentação do sistema Paulo Freire, cuja estratégia educacional ancora-se numa ousada pedagogia da comunicação, enfeixada numa edição especial da revista “Estudos Universitários” (n. 4, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, abril-junho de 1963), projetando intelectuais como o próprio Paulo Freire, bem como outros ainda não reconhecidos nacionalmente: Abdias Moura, Aurenice Cardoso, Jarbas Maciel, Jomard Muniz de Brito, Juracy Andrade e Luis Costa Lima.

Pertencem também a essa ofensiva editorial dois livros que circulam no ano seguinte, simbolizando as ofensivas francesa e norte-americana para disseminar as ideias dos pesos-pesados da nascente área das ciências da comunicação: Fernand Terrou – *A informação* (São Paulo, Difel, 1964) e Wilbur Schramm – *Panorama da comunicação coletiva* (Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1964).

Esse ambiente propício ao aparecimento do campo *científico* da comunicação é nutrido, durante todo o ano de 1963, pela repercussão do Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII e instalado no final do ano anterior, mas repercutindo sensivelmente no âmbito acadêmico através da edição de dois documentos paradigmáticos. A encíclica *Pacem in Terris* catalisa o pensamento do pontífice para fortalecer a “terceira via” no terreno ideológico, da mesma maneira que o decreto conciliar *Inter Mirifica* postula uma nova atitude para os agentes eclesiais, encerrando o período de desconfiança em relação aos meios de comunicação que estigmatizou a postura da Igreja Católica desde os tempos inquisitoriais. (Dale, 1974)

Também nessa ocasião, o Brasil desponta como vanguarda do novo campo científico, através do magistério exercido por dois eminentes jornalistas brasileiros no CIESPAL, em Quito, Equador. Suas aulas são convertidas em livros-textos que circulam em todo o continente latino-americano: *Métodos en la enseñanza de la técnica del periodismo* (Luiz Beltrão) é lançado em 1963 e *Pedagogia del Periodismo* (Danton Jobim) tem sua segunda edição publicada em 1964.

Ambas disseminam as ideias que os autores partilharam com diretores e professores das escolas de comunicação da região.

Nesse sentido, precisamos superar, como o fizeram Beltrão e Jobim, o complexo de inferioridade que nos atrela à legião dos deslumbrados com os modismos do “primeiro mundo”.

Nessa empreitada, convém admitir que a transformação do campo comunicacional em espaço anglófono vem se dando principalmente pela inércia dos países pertencentes a outros agrupamentos geoculturais, que assimilam e reproduzem as matrizes do conhecimento hegemônico, pouco a pouco legitimado como “pensamento único”.